SETENTA (2013), de Emília Silveira

Julia Porchat Knudsen[1]

O título *Setenta* remete à história dos setenta presos políticos libertados em troca da soltura do embaixador da Suiça, Giovanni Enrico Bucher, sequestrado no Brasil em 1970 por militantes de oposição à Ditadura Militar. O grupo foi colocado em um avião e exilado no Chile de Salvador Allende, a partir de onde cada um teve um destino diferente. O documentário aborda, em 96 minutos e 40 anos depois, como a vida de dezoito deles se desenvolveu e como conseguiram, ou não, seguir em frente.

É o primeiro trabalho para o cinema da diretora Emília Silveira, jornalista de formação que atuou na televisão, assim como a corroteirista do filme, Sandra Moreyra, falecida em 2015. É uma co-produção com a Globofilmes, a Cavideo, a 70 filmes e a AeB Produções[2].

Emília foi também militante e presa política durante a Ditadura Militar. É ex-mulher de um dos entrevistados no filme e ex-guerrilheiro, Marco Maranhão. A idéia inicial do filme surgiu quando ela o acompanhava em reuniões dos integrantes dos Setenta e resolveu gravá-las. Como ela comenta na entrevista à jornalista Amarilis Lage para a 39ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo[3], seu interesse residia em saber como esses sobreviventes, tanto tempo depois, viam sua juventude e seus atos daquela época.

Ela buscou construir um relato sobre como foi viver, no âmbito pessoal, depois de experienciar a violência física e emocional do Regime Militar. Ela diz na mesma entrevista já citada: *"Eu não estou interessada na questão histórica. É um filme sobre vidas, sobre superação, sobre o que sobrou dessas vidas, o que ficou dos ideais, dos sonhos, do ímpeto da juventude. É um filme de quem conseguiu superar e de quem não aguentou"*.

Wilson Barbosa, Nancy Mangabeira Unger, Vera Rocha Dauster, Ismael de Souza, Marco Maranhão, Jaime Cardoso, Mara Alvarenga, Affonso Alvarenga, Rene de Carvalho, Bruno Dauster, Elinor Brito, Chico Mendes, Jean Marc Von Der Weid,

---

[1] Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Victorio Morettin, dentro do projeto "Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar" (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em dezembro de 2016.

[2] Ficha Técnica disponível em http://www.festivaldorio.com.br/br/filmes/setenta, acesso em 12/12/2016.

[3] Entrevista de Emília Silveira para a 39ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, outubro de 2013, disponível em http://39.mostra.org/br/entrevista/49-Entrevista-Emilia-Silveira, acesso em 22/08/2016.

Reinaldo Guarany e Luiz Sanz são os entrevistados por Emília no filme. São citados também aqueles que, nas palavras da diretora, não aguentaram, como frei Tito de Alencar, Maria Auxiliadora Lara Barcelos (Dora), ambos cometeram com cerca de trinta anos, e Carmela Pezzuti.

O filme mescla as entrevistas com imagens, videos e áudios de arquivo jornalístico e artístico. Há uso de fotografias e imagens de outros filmes, como *Brazil, a Report on Torture* (EUA, 1971), de Haskell Wexler e Saul Landau, e *Central do Brasil* (BRA, 1998), de Walter Salles, usados para ilustrar os momentos citados nos depoimentos. Há quase nenhuma presença de Emília, salvo por sua voz em algumas passagens. Realizados em sua maioria na residência dos entrevistados, os depoimentos são profundos e demonstram intimidade.

É especialmente marcante a passagem do filme que aborda o suicídio de Dora, que se jogou na frente de um trem em Berlim aos 31 anos. Estudante de Medicina, ela morava lá com seu companheiro Reinaldo Guarany, personagem que narra a trajetória de vida dos dois. Ele conta, comovido, como ela se despediu dele na manhã da morte: são apresentados em vídeos de arquivo ele visitando o apartamento onde moraram quando fugiram do Chile, fotos deles juntos na Alemanha e um trecho de *Brazil, a Report on Torture,* em que ela, diante da câmera, mostra suas cicatrizes de combate e da tortura.

A sequência nos informa que em nenhum lugar eles estavam completamente tranquilos, sempre preocupados com o disfarçar-se ou com aqueles que ficaram no Brasil. O casal chega a se mudar muitas vezes antes de chegar à Alemanha por receio de serem perseguidos. Era uma constante fuga, e Reinaldo fala com pesar como sentiu-se abandonado por Dora quando ela decidiu se matar, uma vez que ele perdera sua companheira de superação daqueles obstáculos.

Outro momento marcante é a descrição, pelos entrevistados, de sua recepção no Chile como heróis. O país estava sob governo do socialista Salvador Allende, e receber aquelas pessoas era motivo de comemoração e orgulho: os exilados desembarcarem lá sob gritos de boas vindas e muita admiração. Contudo, quando acontece o golpe de Pinochet esse cenário se inverte: os brasileiros, até então refugiados, têm de fugir mais uma vez para preservarem suas vidas, pois passam a ser alvo da nova ditadura chilena. A sensação de nunca estar a salvo perdura por muito tempo na vida dos entrevistados, e só vem a acabar realmente com a promulgação da Lei da Anistia, em 1979.

O filme de Emília Silveira participou da 37ª Mostra de Cinema Internacional em São Paulo e do Festival do Rio na mostra Fronteiras. Passou também no Festival de Documentários de Londres. Foi bem recebido pela crítica em geral, como mostram os exemplos abaixo:

> Muita coisa ainda há por ser contada, como atesta este ótimo documentário intitulado *Setenta*, de Emília Silveira (…) Para chegar à duração final, 90 minutos, teve de cortar muito. E esses cortes redundaram numa narrativa muito fluente, pungente e dolorosa às vezes, mas também pintada por um inesperado humor com que os entrevistados, hoje homens e mulheres maduros (na faixa que vai dos 60 e poucos anos entre os jovens a mais de 80 para os mais velhos), reavaliam suas ações da juventude (Luiz Oricchio)[4]

> *Setenta* não julga, polemiza ou glorifica. Ilumina, isso sim, um momento ainda desconhecido e polarizante da história recente brasileira. A filmografia sobre a resistência à ditadura acaba de ganhar um novo título incontornável. (Amir Labaki)[5]

Um fator favorável, como comenta na entrevista ao Observatório da Imprensa[6], ao debate se deve em parte pela proximidade de seu lançamento com os 50 anos do golpe, e em parte pela sabedoria da linguagem usada no documentário de buscar falar com o grande público, ampliando sua comunicação para um público não necessariamente engajado.

Muitos dos entrevistados relembram a ingenuidade da juventude, a coragem descabida que os colocou em risco em muitos momentos, ou mesmo a dedicação extrema ao movimento que chegou a afastar alguns pais de seus filhos por longos e difíceis períodos. Entretanto, quando questionados se se arrependem do que aconteceu, a resposta é unânime: fariam tudo novamente.

---

[4] "Memória da luta contra a ditadura militar em *Setenta*", de Luiz Zanin Oricchio - Agência Estado, 24/10/2013. (Disponível em: http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/memória-da-luta-contra-a-ditadura-militar-em-setenta-1.216099, acesso em 14/12/2016)

[5] "*Setenta*", de Emília Silveira, de Amir Labaki, 01/08/2014, Disponível em: http://etudoverdade.com.br/br/noticia/1399-ldquoSetentaldquo,-de-Emilia-Silveira, acesso em 14/12/2016.

[6] Entrevista da diretora ao *Observatório da Imprensa*, julho de 2014. http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed807_documentario_setenta_busca_publico_amplo/, acesso em 22/08/2016.